

1997 – ENCONTRO/MEETING – 6º ENCONTRO DO CIALP

Participação no VI Encontro do Conselho Internacional de Arquitectos de Língua Portuguesa, com a palestra “A Alteridade na Arquitectura”, 20 a 25 de Outubro de 1997, Luanda

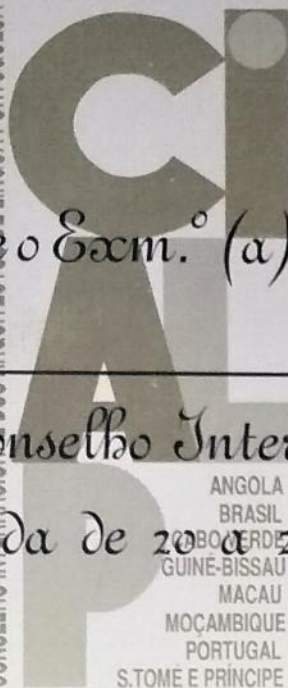
Participation in the VI Meeting of the International Council of Portuguese-Speaking Architects, with the lecture "The Otherness in Architecture", October 20 to 25, 1997, Luanda

Certificado de Participação

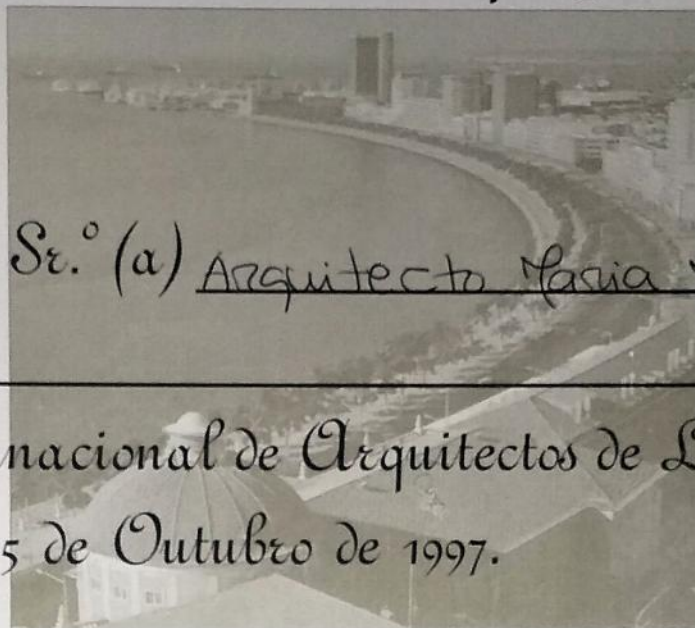
Certifica-se que o Exm.º (a) Sr.º (a) Arquitecto Maria João Teles Grilo.

participou no 6.º Conselho Internacional de Arquitectos de Língua Portuguesa
realizado em Luanda de 20 a 25 de Outubro de 1997.

CONSELHO INTERNACIONAL DOS ARQUITECTOS DE LINGUA PORTUGUESA



ANGOLA
BRASIL
BOUVARD
GUINE-BISSAU
MACAU
MOÇAMBIQUE
PORTUGAL
S.TOME E PRINCEPE



LUANDA de 20 à 25 de Outubro 1997

O Presidente de mesa da União Angolana de Arquitectos

António Araújo

O Presidente do Cialp

J. Honório

A ALTERIDADE NA ARQUITECTURA

Maria João Teles Grilo

Para um observador habituado as imagens da funcionalidade da fábrica urbana, a primeira reacção ao percorrer as cidades angolanas passa pela vontade de seleccionar formas, encontrar símbolos, traçados no meio do caos urbano, que funcionem como um fio condutor para uma leitura de um contexto à primeira vista incompreensível. Percorremos as cidades descobrindo epígonos límpidos de movimentos e tendências internacionais, malhas urbanas racionais e incompletas, entre extensões de abrigo obtidos com quaisquer meios, que contribuem para a imagem de um aglomerado provisório que luta para satisfazer as necessidades essenciais do habitar, do produzir, do circular, do comprar, do sobreviver.

(...)

O que é que, no meio físico construído, em Angola, é entendido como contexto?

Que metodologias precisamos de adoptar para a reavaliação do património construído?

Porque se de património se trata, ou de diálogo com os valores patrimoniais, considero, com pouca propriedade naturalmente, que, a haver classificação, ela deve ser extensiva a todo o património construído, não actuando por categorias mas por modelos, separados pela diversidade das linguagens. Porque a categorização radical da arquitectura, que em última análise classificará o construído sem meios-tons, em arquitectura e não arquitectura, releva provavelmente, da sua grande e visceral articulação com a estrutura social. Porque só "categorizando" radicalmente, poderá a arquitectura apresentar-se como máquina geradora de marcadores sociais.

Pergunto: -Que valores serão determinantes para a compreensão da construção corrente, que é aquela que marca mais objectivamente a imagem do nosso território humanizado, e que muitas vezes corresponde mais a expressão da pobreza do que as formas representativas das culturas nacionais?

Refiro-me a identidade física construída de Angola sem usar os juízos de valor que criaram os arquétipos de arquitectura popular e erudita, da arquitectura e da não arquitectura.

Porque se é possível dizer que as cidades angolanas se vão construindo quase sem arquitectos, é impensável admitir que sem a sua arquitectura. Porque se um leigo pode dispensar os serviços dos arquitectos, não deixará de utilizar ou consumir, os seus modelos. Entretanto os arquitectos deixaram de assistir pacificamente ao consumo do seu trabalho e passaram também a consumir o dos seus consumidores, apropriando-se dos seus modelos e do seu modo de operar.

A fixação vanguardista típica da cultura europeia tem vindo a impor à arquitectura contemporânea uma atenção particular àquilo que, do ponto de vista desta, poderiam constituir obras paradigmáticas do seu avanço ou progresso, acrescentando-lhe um discurso teórico, apostadamente espectador, que ignora não só as outras arquitecturas com toda a

construção fora dela, ainda que, marginalmente, procure apoderar-se de todas para as transformar em objecto específico de estudo.

Curiosamente, se a ideia de progresso de conhecimento pôs uma tónica sobre a medida dos seus avanços no tempo, obrigando-o a multiplicar "ismos", quase numa obsessão cronológica, o seu discurso sobre o que lhe é exterior, apoia-se no espaço e na intemporalidade, ou pelo menos, acentua dois tempos bem diferenciados para estudar a arquitectura e a construção fora dela.

Ora este discurso parece cada vez menos sustentável para a avaliação e análise dos grandes aglomerados urbanos dos países pobres cuja percentagem em termos mundiais tem vindo a crescer significativamente.

Como diz Jacques Levy em *Le monde pour Cité*, "O efeito maior deste modo de crescimento em redes de limites vagos é uma distorção do espaço de desenvolvimento em relação com o espaço político habitual, feito de territórios limitados por fronteiras nítidas. O que é verdadeiro para as empresas é também para a imprensa, a cultura popular, os modos de vida, a circulação das ideias. É todo o domínio da relação contratual directa, da transacção. É o amplo sistema de trocas, "mercantil" no sentido do mercado e não apenas no sentido restrito da moeda, que se instalou de modo aparentemente irreversível, a escala do planeta."

Se a chamada Sobre-Modernidade é produtora de "não-lugares", criando um mundo prometido a individualidade solitária, a passagem, ao provisório e ao efémero estamos perante um dos grandes desafios teóricos contemporâneos à equação da evolução das arquitecturas mundiais.

In "A Alteridade na Arquitectura" - Congresso Internacional de Arquitectura dos Países de Língua Portuguesa – Luanda/Angola 1997